

Prolegômenos sobre *razão pela qual*

Hadinei Ribeiro Batista¹

Maria Cecilia Mollica²

Resumo: O artigo objetiva apresentar reflexões preliminares sobre o emprego da expressão *razão pela qual* no estágio atual do Português Brasileiro (PB). Lança a hipótese segundo a qual a expressão constitui uso inovador no PB em *locus* sintático inicial. A pesquisa considerou dados dos *corpora* Linguatca e Corpus do Português, em que se buscou comparar a construção *razão pela qual* com suas variantes *motivo pelo qual*, *razão por que*, *motivo por que* de forma a apontar indícios de que a expressão vem se cristalizando no PB como um marcador de estilo pretensamente monitorado. Os resultados apontam que a construção *razão pela qual*, recente no PB, possui *status* mais marcado e opera alternâncias na relação causa-consequência das estruturas sintáticas de que faz parte. Com efeito, novos dados, em especial os que afetam diretamente o processo remissivo da construção em foco com *razão pela qual*, poderão confirmar pressões de uso da língua que impulsionam o emprego da inovação enquanto expressão formulaica e marcador sentencial.

Palavras-chave: Mudança Construcional; Estilo; *Corpus*; Inovação.

Introdução

Este artigo analisa a construção *razão pela qual* no atual estágio do Português Brasileiro (doravante PB). Lança as primeiras hipóteses relativas ao seu emprego, levando em conta os contextos de uso. A investigação pressupõe que *razão pela qual* vem ganhando novos espaços funcionais.

Observem-se os exemplos (1) e (2):

- (1) Ele disse com a voz firme: - Antes de lhe explicar **a razão pela qual** espontaneamente o hospedei em minha casa..... (Corpus do Português: 18:Azevedo:Condessa).

¹ Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais. Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais. Bacharel em Letras - Português pela Universidade Federal de Minas Gerais. Licenciado em Letras – Português pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: hadinei@gmail.com. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3157-6366>.

² Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestra em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Licenciada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: ceciliamollica@terra.com.br. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-4100-2016>.

- (2) **A razão pela qual** eu estou me dispondo a voltar a ser pré-candidato é porque quero provar outra vez que o Brasil tem jeito. (Pré-candidato à presidência da República, em comício de campanha, em junho de 2022.)³

O enunciado (1) é canônico e já existia no português antigo, enquanto (2) constitui uso recente na língua portuguesa. No exemplo (1), *a razão* é objeto direto do verbo *explicar* e constitui o sintagma nominal (SN) cabeça da cláusula relativa *pela qual espontaneamente o hospedei em minha casa*. No exemplo (2), a construção *a razão pela qual* introduz a sentença *eu estou me dispondo a voltar a ser pré-candidato é porque quero provar outra vez que o Brasil tem jeito* e não configura cláusula relativa nem se encontra conectada sintaticamente com a sentença que a ela se segue da maneira como se verifica em (1).

O presente texto, que constitui a primeira etapa de uma ampla agenda de pesquisa, objetiva demonstrar a existência de gradiência pela qual têm perpassado historicamente as estruturas com a construção *razão pela qual*. Nesse processo diacrônico, observam-se outros usos de *razão pela qual* que são também mostrados.

Note-se que investigar a emergência de novas construções no PB é um exercício bastante desafiador. Batista (2022) analisou as construções ‘que x o que / que x que nada’ no português brasileiro e argumenta que sua origem se deve a um pareamento forma-função que encontra motivação em enunciados interjetivos com a partícula ‘que’ bem como resulta de fragmentos oracionais recortados pelo falante para discordar. Neste estudo, apontamos indícios de que a expressão ‘A razão pela qual X é que/é porque’ encontra pareamento formal e semântico com as orações subordinadas adverbiais causais. No presente artigo, argumentamos também que a emergência desse emprego inovador da construção decorre da necessidade do falante de operar sua fala com padrões linguísticos mais prestigiados.

Paralelamente, descrevemos a construção *a razão pela qual* em cotejo com *o motivo pelo qual* de modo a demonstrar que ‘razão’ é mais frequente em relação a ‘motivo’ nos contextos de uso verificados na *database* utilizada para a investigação. Evidenciamos, por outro lado, a inexistência da construção *A razão pela qual* encabeçando enunciado no PE (Português Europeu), o que dá margem à tese de que se trata de uso inovador somente no PB. Sociolinguisticamente, é de se supor, com base em (2) acima, que tais empregos incidem em perfil de falante com baixa escolaridade e em discurso oral de improviso, ensejando o

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/Lula/videos/3087959171514509>. Acesso em: 1º fev. 2023.).

pressuposto de ter origem em motivação estilística com base em fenômeno de hipercorreção. Ressalta-se, no entanto, que o emprego em (2) mescla uma estrutura sintática não-canônica com uma fórmula linguística inicial de prestígio, o que poderia “camuflar” seu caráter não-padrão, favorecendo seu uso por falantes com níveis mais altos de escolaridade. Registramos aqui essa hipótese, dada a importância de estudos futuros verificarem o *status* dessa “camuflagem” para esse fator social.

Lançar mão de uma construção formalmente prestigiada, como o emprego canônico de *razão pela qual*, é incompatível com o “desconhecimento” gramatical da formação de sentenças com verbo cópula. A informação predicativa, nessas construções, é introduzida como uma oração subordinada adverbial causal. Assim, este artigo explora também questões atinentes a estilo na fala, além de apontar indícios da expressão em análise, *razão pela qual*, como uma unidade construcional (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; GOLDBERG, 1995).

Metodologia

A amostra deste estudo é composta de dois conjuntos de dados. Primeiramente, foram extraídas todas as ocorrências de *A razão pela qual* da seção *genre/historical* do Corpus do Português, composto de 45 milhões de palavras de textos de variados gêneros (ficção, notícia, fala, acadêmico) entre os séculos XIII e XIX. O levantamento permitiu verificar a (in)frequência da construção no PB e no PE, de forma a explicitar se estamos diante de um fenômeno inovador.

Foram também extraídos todos os *tokens* do *corpus* Linguateca⁴, seção ‘*todos juntos*’, que compõe a amostra total do acervo, constituída também de variados gêneros textuais tanto do PB quanto do PE, entre os séculos XVI até a década de 90. As ocorrências serviram de base para o levantamento dos padrões sintáticos e da frequência da expressão em análise nesta pesquisa. Os mesmos *corpora* foram utilizados para o levantamento de *O motivo pelo qual*, de modo a contrapor com *A razão pela qual* nos contextos sintáticos com ‘*é que*’ / ‘*é porque*’.

A hipótese inicial é a de que a língua opera com maior frequência em contexto sintático em que a expressão participa de uma oração subordinada adverbial causal. Desse contexto, a

⁴ Disponível em: <https://www.linguateca.pt/>. Acesso em: 19 fev. 2023.

construção teria migrado para o *locus* predicativo sem a omissão da conjunção subordinativa de forma a atender o efeito discursivo prestigiado da expressão *A razão pela qual*, que teria passado a ocupar a primeira posição dos enunciados em situações em que se deseja alcançar um estilo mais monitorado/padrão.

Levantamento e taxionomia dos dados

No Corpus do Português, foram encontradas 33 ocorrências da expressão *A razão pela qual*, distribuídas entre os séculos XIX e XX, da seção *Genre/Historical*, que contém dados de gêneros variados (acadêmico, notícias, ficção e fala) tanto do PB quanto do PE. A expressão aparece em três contextos sintáticos específicos:

- a) Predicativo com o verbo SER:
Essa é **a razão pela qual** eles estão trabalhando pra ficar só com o Presidente da República. (Fonte: 19Or:Br:Intrv:Pov)
A alta taxa de abstenção foi **a razão pela qual** foi anulada, em Outubro, a anterior segunda volta presidencial na Sérvia. (Corpus do Português: 19N:Pt:Expr).
- b) Complemento de verbo pleno:
A um outro nível, pode ainda questionar-se **a razão pela qual** a Ordem dos Advogados continua à margem dos grandes debates. (Corpus do Português: 19N:Pt:Jornal).
Antes de lhe explicar **a razão pela qual** espontaneamente o hospedei em minha casa. (Fonte: 18:Azevedo:Memórias).
- c) Advérbio de causa:
em sua presença, discutiam questões de raça e de sangue; **a razão pela qual** D. Amância lhe oferecera um espelho. (Corpus do Português: 18:Azevedo:Mulato).

Desconsiderando a presença de determinante, como o artigo ‘a’, foram encontradas 73 ocorrências, no mesmo conjunto de dados, desempenhando papel de adjunto adverbial:

- i) O casal viveu nesse último verão, segundo ele, uma verdadeira lua-de-mel, **razão pela qual** o reservado mordomo não descartou na conversa com comerciantes. (Corpus do Português: 19N:Br:Recf).

Ressalta-se que, nos dados do PE, usos como (vi) foram as ocorrências mais típicas. Verifica-se ainda, nos dados do Corpus do Português, a ausência de enunciados encabeçados pela expressão com determinante *a razão pela qual*.

Foram também analisados os dados do Linguatca, composto de vários *corpora*, incluindo dados escritos e orais do PB e do PE. Selecionou-se a opção ‘*todos juntos*’ com o fito de fazer uma busca geral pelos dados do acervo. Foram encontradas 187 ocorrências. A ênfase, neste estudo, é a de analisar as ocorrências em que a expressão encabeça o enunciado, por isso excluíram-se os contextos sintáticos destacados em (a), (b) e (c), além das repetições. Após o filtro, restaram 125 ocorrências.

Em todos os enunciados, observou-se um padrão sintático, que pode ser esquematizado como a seguir:

A razão pela qual x é/é que/é porque/verbo pleno(vp)/está/foi/era.

X representa uma unidade informacional (CHAFE, 1987, 1980; MOLLICA; BATISTA; QUADRIO, 2022) que corresponde à consequência gerada pela causa, introduzida pelos verbos entre //. A tabela a seguir registra a frequência de cada uma dessas expressões:

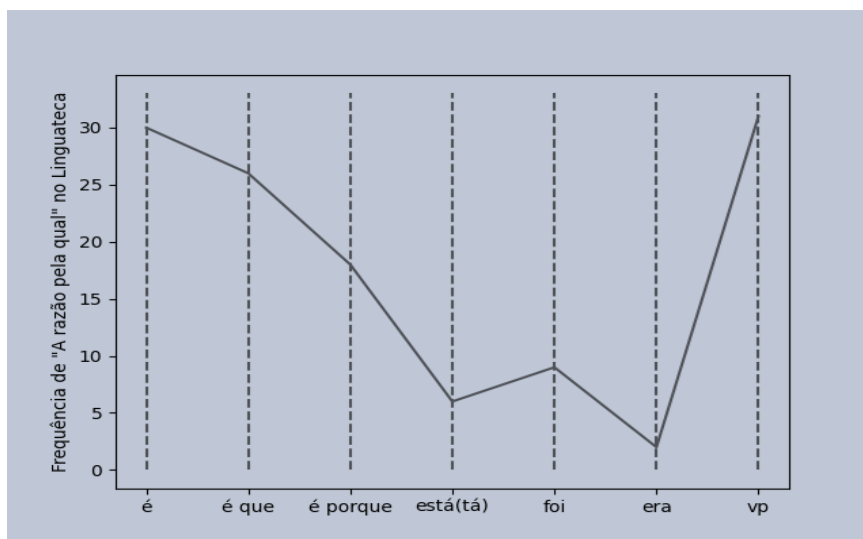


Gráfico 1 Frequência do padrão sintático da expressão ‘A razão pela qual X’. Fonte: Próprio autor, 2023.

No *corpus*, o valor de X é uma unidade informacional composta por uma oração, cuja estrutura sintática é bastante variada quanto aos traços de transitividade. Destacamos a seguir

trechos extraídos do Linguateca, subseção ‘todos’, para exemplificar cada um desses padrões sintáticos. Todos os exemplos a seguir foram consultados no *corpus* pelo nome da expressão ‘razão pela qual’:

- (3) **A razão pela qual X é que**
A **RAZÃO PELA QUAL** esse assunto assumiu um peso maior **É QUE** algumas pessoas 'colheram' nomes que outras consideram seus por direito.
- (4) **A razão pela qual X é**
A **RAZÃO PELA QUAL** as pessoas trabalham duro nessas instituições não **É** o dinheiro [...]
- (5) **A razão pela qual X é porque**
A **RAZÃO PELA QUAL** eu improviso ou mudo as características de músicas antigas **É PORQUE** nunca tento tocar exatamente como nos discos.
- (6) **A razão pela qual X VP (verbo pleno)**
A **RAZÃO PELA QUAL** vim para Portugal **PRENDEU-SE** com o meu objectivo de jogar o Circuito Profissional Europeu.
- (7) **A razão pela qual X está(tá)**
A **RAZÃO PELA QUAL** consumidores empreendem mais ou menos atenção e esforços na busca de informações **TÁ** diretamente relacionada com a equação [...]
- (8) **A razão pela qual X foi**
A **RAZÃO PELA QUAL** se consideraram apenas duas épocas para P455 e P550 **FOI** a diminuição no número de animais nos grupos.
- (9) **A razão pela qual X era**
A **RAZÃO PELA QUAL** esta missão foi feita **ERA** a razão política de acalmar a indignação pública

Desse conjunto de padrões, observa-se que (3) e (5) não compõem sentenças canônicas no PB. Trata-se de enunciados em que o verbo cópula (SER) introduz uma oração subordinada causal, marcada pelas conjunções subordinativas *que* e *porque*. O padrão sintático canônico do PB restringe introdução de uma oração subordinada adverbial causal como predicativo. O que se espera, nesses casos, é uma oração subordinada substantiva predicativa, como em:

- (1a) A **RAZÃO PELA QUAL** esse assunto assumiu um peso maior **É** algumas pessoas '*colherem*' nomes que outras consideram seus por direito.
- (1b) A **RAZÃO PELA QUAL** eu improviso ou mudo as características de músicas antigas **É** nunca *tentar* tocar exatamente como nos discos.

Bechara (2004, p. 485) explica que a conjunção integrante *que* serve para introduzir uma oração subordinada. Nos casos das orações substantivas predicativas, o *que* serve como transpositor para o complemento do verbo SER, como exemplificado em (10):

(10) A verdade é que não ficaremos aqui. (BECHARA, 2004, p. 485).

Esse *que* introduz uma oração subordinada que é indispensável para a seleção argumental do verbo cópula, ou seja, a informação predicativa. A omissão da conjunção integrante *que* é prevista pela gramática tradicional por motivos de elegância, leveza e repetição (BECHARA, 2004, p. 485), o que acarreta mudança no modo verbal (ver 1a e 1b).

Nos casos aqui discutidos (3) e (5), estamos diante de duas conjunções *que* e *porque*, que encabeçam uma oração subordinada adverbial causal. O *que*, em (1), não é apenas uma conjunção integrante, mas um operador que desempenha função equivalente à conjunção subordinativa adverbial causal *porque*⁵. Prova disso decorre da possibilidade de comutação com *porque* sem prejuízo para o sentido. Vejam-se os exemplos (11) e (12):

- (11) A **RAZÃO PELA QUAL** esse assunto assumiu um peso maior **É QUE** algumas pessoas 'colheram nomes que outras consideram seus por direito.
- (12) A **RAZÃO PELA QUAL** 'se assunto assumiu um peso maior **É PORQUE** algumas pessoas 'colheram nomes que outras consideram seus por direito.

No rol de conjunções subordinativas causais, Bechara (2004, p. 326) registra a partícula *que* como equivalente a *porque* em enunciados que exprimem causa, motivo, razão do pensamento. Compartilham de análise semelhante outros gramáticos e dicionaristas, entre eles Neves (2000, p. 802) e Michaelis (1998, p. 1742):

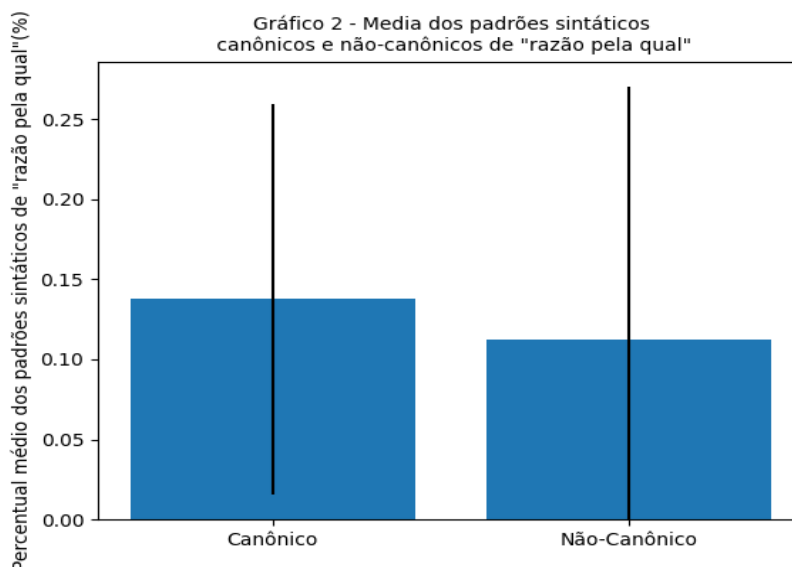
- (13) Sabia o endereço, **QUE** ele jamais esquece essas coisas. (NEVES, 2000, p. 802).
- (14) Não chores, **QUE** a vida é luta renhida. (MICHAELIS, 1998, p. 1742).

⁵ Registramos, nesse caso, a importância de novas pesquisas que possam demonstrar esse nível de equivalência. Seria esse 'que' uma redução de 'proque'?

Os enunciados em (3) e (5) são orações subordinadas adverbiais causais, de modo que podemos entender haver uma ruptura em relação à tradição gramatical das construções sintáticas com verbo cópula, haja vista que, no *locus* sintático em que se espera uma unidade informacional predicativa, é introduzida uma oração subordinada adverbial. Tal ruptura nos leva a um conjunto de questionamentos e hipóteses:

- A) As construções em (3) e (5) são raras (e até mesmo ausentes em períodos mais remotos da língua), o que pode apontar indício de uso inovador no PB;
- B) Em (3) e (5), *A razão pela qual* é uma fórmula que vem se congelando historicamente no PB;
- C) Confirmado (B), (3) e (5) são menos usuais que a construção *o motivo pelo qual*.
- D) As construções em (3) e (5), pela mesclagem entre a expressão de prestígio e a estrutura sintática não-canônica, bem como pelo emprego por falante de escolaridade baixa, requer estudos a respeito de sua emergência em falantes de pouca escolaridade;
- E) Provadas as hipóteses (B), (C) e (D), *a razão pela qual* em (3) e (5) constitui marca de estilo pretensamente monitorado.
- F) Confirmadas todas as hipóteses anteriores, a expressão *A razão pela qual* estaria se cristalizando como uma unidade construcional no contexto em tese.

Para atestar (A), o Gráfico 2, a seguir, contrasta os padrões sintáticos em (3) e (5), não-canônicos, com a frequência de uso dessa expressão em contexto canônico. Segundo o Gráfico 2, as expressões com *é que/é porque* apresentam menor índice de ocorrências, indicando na direção de emprego inovador no PB.



Considere: total de tokens= 215254 / Padrão canônico: 5131 / Padrão não-canônico = 46.

Gráfico 2 Media dos padrões sintáticos canônicos e não-canônicos de “razão pela qual”. Fonte: Próprio autor, 2023.

Em relação a *o motivo pelo qual*, o Linguatca retornou 77 ocorrências. Destas, apenas 3 correspondem ao padrão não-canônico com *é que* e 2 com *é porque*, de acordo com os trechos que se seguem.

- (15) **O motivo pelo qual** as pessoas ‘tutam parsing em situações artificiais, sob circunstâncias especiais, e não no discurso comum, **é porque** elas esperam que se você conseguir se livrar dos outros fatores, talvez consiga encontrar os princípios.
- (16) **O motivo pelo qual** a empresa patrocinou o Ceará Sporting Clube, segundo o dirigente, **é que** seu pai já ajudava financeiramente o clube desde os anos de 1990

Em termos de porcentagem, conforme o Gráfico 3, a expressão *o motivo pelo qual*, no padrão não-canônico, é menos frequente, no *corpus*, em comparação com *a razão pela qual*.

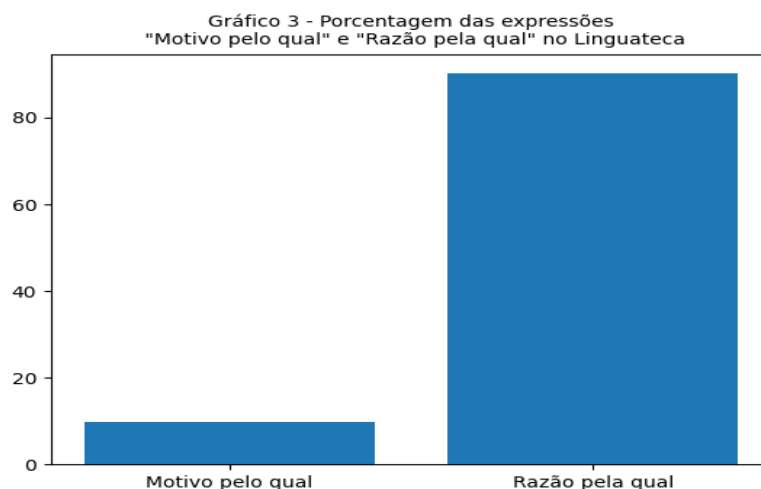


Gráfico 3 Porcentagem das expressões “Motivo pelo qual” e “Razão pela qual” no Linguateca. Fonte: Próprio autor, 2023.

Ainda que em caráter preliminar, a discussão empreendida até aqui nos permite responder aos questionamentos (A) e (C), quais sejam: a) que a expressão *A razão pela qual*, empregada em contexto sintático não-canônico, apresenta desvio padrão em relação às estruturas canônicas; b) que a expressão *A razão pela qual* em início de enunciado é mais marcada em relação a *O motivo pelo qual*, haja vista sua baixa frequência em comparação à da expressão em foco neste estudo.

Inovação linguística como efeito estilístico

Os estudos linguísticos vêm atestando estreita relação entre estilo e empregos novos nas línguas. Labov (1972) desenvolve pesquisa comprovando que o fenômeno da hipercorreção é fator de inovação e de mudança linguística. O processo pode ser compreendido como a implementação de usos por parte do falante que se sobrepõem ao padrão no desejo de atingir estruturas prestigiadas. O falante que normalmente hipercorrege é sensível a padrões linguísticos de prestígio e mantém constante preocupação com o uso correto do idioma.

Câmara Jr. (1975), Crystal (2000), Houaiss (2001), Calvet (2002) fornecem conceituação semelhante acerca da hipercorreção. Os estudos de Bortone (1989, 2009) atestam exemplos na língua portuguesa, como *adevogado*, *descordar*, no nível fonológico, também

registrados na escrita de escolares, como exemplificado em Câmara Jr. (1972). No nível sintático, Mollica (1989, 1995) explica alguns dequeísmos por hipercorreção. Normalmente processados de improviso, os dequeísmos possuem boas chances de emergir por essa razão, na medida em que os falantes se sentem pressionados por situação contextual que lhes exigem performance estreita com o padrão prestigiado.

Esse parece ser o motivo da emergência dos usos inovadores com a construção *razão pela qual* focalizadas em especial neste artigo, cujo padrão esquematiza-se como: *razão pela qual X é/que/porque*. Cumpre destacar que, no levantamento de dados, encontramos um único caso com o padrão *motivo pelo qual X SER quando*, em que o verbo *ser* aparece com a conjunção *quando*.

(17) O **motivo pelo qual** me interessei pela questão **foi quando** comecei a entrevistar os filhos dos meus colegas de escola.

Nesse caso, estamos diante da construção de definição SER QUANDO, também inovadora, que se alterna com a estrutura canônica de definição estudada por Góes Monteiro (2008). A pesquisadora nos oferece inúmeros exemplos na língua falada e escrita de escolares como: *Argumento pelo exemplo é quando se toma por base outras pessoas, utilizando exemplos para poder defender sua tese principal. (Resposta a questão discursiva – Graduando de Comunicação Social- PUC-RIO)*. Atesta Gois Monteiro (2008) também que SER QUANDO é encontrado em Inglês e em Francês com uso condicionado por variáveis linguísticas e não linguísticas.

Vale destacar que, no estágio atual em que se encontram as investigações, tal construção não está sendo considerada, no entanto entendemos que ela possa ser indicador importante para confirmar a hipótese de que as estruturas inovadoras (ou com uso inovador) com *razão pela qual* não guardam relação direta com a subordinação. Na verdade, devem ser consideradas como fórmulas prontas na língua a que o falante lança mão para efeito estilístico. Isso se faz notar ainda mais quando se constata a diferença frequencial entre os tokens de *razão pela qual* em comparação aos de *motivo pelo qual*, conforme Gráfico 3.

Na mesma direção, é possível supor a quase ausência de empregos de *razão por que*, *motivo por que*, cada qual com uma (1) ocorrência apenas nos dados do Linguatca. O falante

opta por usos mais marcados e mais escutados no cotidiano e deixa de lado os empregos pouco conhecidos. Isso se faz notar também nos dados levantados como se segue:

- (18) São muitos aqueles que afirmam que essa é *a razão pela qual* são tantos os transportadores instáveis, e o motivo por que têm aumentado os acidentes também com autocarros de empresas privadas.
- (19) descobrir que essa é *a razão por que*, quando se tem febre muito alta, o médico recomenda banho com a duração de mais ou menos 15 minutos

Na área de estudos entre linguagem e Sociedade, Labov (1966), Bell (1984) e Eckert (2001) são considerados na literatura como autores importantes. A proposta de Labov (1966) centra-se na ideia de estilo relacionado a grau de monitoramento: quanto mais atenção o falante presta à sua fala, tanto mais formal se torna linguisticamente; a menor atenção induz consequentemente à informalidade. Bell (1984), por seu turno, situa a proposta de estilo no que ele denominou em inglês *audience design*. O autor parte do princípio de que o falante molda sua fala de acordo com a audiência. Considera que a variação do falante é extremamente dependente da do interlocutor, podendo ser entendida também como processo de acomodação ao ouvinte. Assim, o estreitamento entre falante e interlocutor gera menos variação, enquanto o inverso favorece a mudança. Contudo, situações discursivas em público, em geral, requerem padrão de referência projetado pelo falante de acordo com o interlocutor e com a expectativa que se imagina haver. Eckert (2003) e Eckert e Rickford (2005) defendem que a variação mantém relação direta com o desempenho do falante nas diferentes comunidades de prática. Nessa medida, os estilos são, então, construídos em conformidade com as situações comunicativas.

Podemos admitir que não há propriamente conflito entre o entendimento sobre estilo entre os autores. Pode-se até afirmar haver complementaridade entre os modelos e, nesse sentido, a expressão em análise *razão pela qual*, exemplificada em (2) neste artigo, parece emergir em razão de monitoramento estilístico motivado pelo desejo de adequação a determinado padrão que o falante idealiza tanto da situação comunicativa, como do perfil linguístico de seu interlocutor.

***A razão pela qual* como uma construção**

De todos os questionamentos a que nos propomos investigar, cumpre analisar o caráter construcional de *A razão pela qual*. Estamos diante de uma nova construção no PB?

Bolinger (1968) explica, em conformidade com o princípio de iconicidade proposto por Givón (1985), que alterações na codificação sintática acarretam necessariamente diferenças no significado. De acordo com Goldberg (1995), um traço definidor de uma construção reside no fato de seu significado não ser completamente derivado das partes que a constituem. A autora exemplifica essa noção a partir dos seguintes exemplos da língua inglesa:

- i) Sam sneezed.
(Sam espirrou.)
- ii) Sam sneezed the napkin off the table.
(Sam espirrou o guardanapo da mesa.). (GOLDBERG, 1995, p. 29).

Em (i), o verbo ocorre em um enunciado intransitivo e, em (ii), em uma estrutura transitiva causativa. O uso típico e mais frequente do verbo *sneeze* é representado por (i), porém, a consideração do verbo em si não permite prever a estrutura em (ii), que é transitiva. Portanto, a noção causativa de (ii) não tem origem na estrutura argumental típica do verbo, mas decorre da estrutura argumental de (ii): Suj V Obj Obl.

Ramonda (2014, p. 61) afirma que as construções podem, nesse sentido, apresentar vários tamanhos e complexidades, uma vez que seu significado, como demonstrado, não origina no verbo e seus argumentos, mas, antes, vem da construção em que este ocorre (GOLDBERG, 1995). Para Ramonda (2014), as construções representam experiências humanas básicas através de estruturas que correspondem a eventos gerais básicos. Goldberg (2006) e Langaker (2008) compreendem o termo *construção* como um pareamento forma-função (função que pode ser semântica, pragmática e ou discursiva), cuja organização se dá em formato de rede, que abarca todo o conhecimento linguístico do falante. A construção é, portanto, a unidade básica da gramática de tal maneira que forma e significado são indissociáveis. Em resumo, Goldberg (1995, p. 4) propõe:

“C é uma CONSTRUÇÃO se C for um pareamento de forma-significado $\langle F_i, S_i \rangle$ de modo que algum aspecto de F_i ou algum aspecto de S_i não seja estritamente previsível a partir das partes componentes de C [...]”

A hipótese inicial aqui defendida é que a expressão *A razão pela qual* esteja passando por um processo de mudança construcional, operando com efeito discursivo, como marcador de estilo pretensamente monitorado. A escolha do processo de *mudança construcional* a par de *construcionalização* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) advém do fato de que a natureza sincrônica do fenômeno aqui observado não constitui uma unidade construcional cristalizada na língua. O que se verifica é uma alteração no componente semântico dessa expressão, que tem apontado indícios da formação de uma construção nova no estágio atual do PB. O processo de mudança construcional, conforme os autores, ao atingir uma determinada construção, não necessariamente afeta todos os seus subcomponentes ao mesmo tempo. No caso de *A razão pela qual*, observamos impacto nos aspectos funcionais dessa expressão.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 26), há três principais graus que acompanham o processo de mudança construcional: esquematicidade, composicionalidade e produtividade. Antes de analisarmos os três fatores na expressão em tela, considerem-se os enunciados (a), (b) e (c) a seguir:

- a) Essa é **a razão pela qual** eles estão trabalhando pra ficar só com o Presidente da República. (Corpus do Português: 19Or:Br:Intrv:Pov).
- b) A um outro nível, pode ainda questionar-se **a razão pela qual** a Ordem dos Advogados continua à margem dos grandes debates. (Corpus do Português: 19N:Pt:Jornal).
- c) em sua presença, discutiam questões de raça e de sangue; **a razão pela qual** D. Amância lhe oferecera um espelho. (Corpus do Português: 18:Azevedo:Mulato).

Todos esses enunciados representam estrutura canônica no PB. Em (a), a estrutura é predicativa com verbo cópula e o predicativo desempenha a função de preencher o índice remisso do pronome sujeito ‘essa’. Em (b), a expressão *razão pela qual* participa da oração objetiva que complementa a seleção argumental do verbo *questionar*. Em (c), há duas estruturas sintáticas independentes, porém, conectadas textualmente pelo índice remisso da estrutura relativa *razão pela qual*.

Nesses três enunciados, a expressão *razão pela qual* constitui um índice remisso que compõe um constituinte adverbial (causal). Esse constituinte é composto de estrutura sintática relativa em que o termo ‘razão’ corresponde ao empacotamento da informação precedente, seguido de um constituinte sintático preposicionado que o retoma, de forma a compor uma unidade informacional acessória para a oração de que faz parte, indicando a razão/causa da ação expressa pelo verbo. Desse modo, em todos os enunciados, *a razão pela qual* é um constituinte adverbial remissivo, não integrado à grade argumental do verbo da oração de que participa.

Como discutido anteriormente, essa expressão tem ocupado *locus* sintático inicial, em especial, em construções com verbo cópula, como ilustra o exemplo (20):

(20) **A RAZÃO PELA QUAL** as pessoas trabalham duro nessas instituições não **É** o dinheiro [...]

Em (20), a expressão mantém o caráter de índice remisso e o predicativo, constituinte nominal, preenche a remissão em uma estrutura canônica do PB. Note-se, porém, que, na posição inicial, verificam-se também, em enunciados com verbo cópula, estruturas com a configuração do exemplo (21):

(21) **A razão pela qual** eu estou me dispondo a voltar a ser pré-candidato **é porque** quero provar outra vez que o Brasil tem jeito. (Pré-candidato à presidência da República, em comício de campanha, em junho de 2022).⁶

Observa-se que a oração predicativa, que serve para preencher o índice remissivo da expressão *a razão pela qual*, não é uma oração subordinada predicativa substantiva. Trata-se de uma oração subordinada adverbial causal. Essa interpretação se faz pela presença da conjunção subordinativa causal *porque*, que não foi omitida nesse tipo de estrutura sintática. Chama atenção a mesclagem entre uma estrutura sintática predicativa não-padrão e o uso de um índice remisso que compõe as estruturas de prestígio do português no início do enunciado. Como esse índice remissivo constitui uma estrutura fixa na língua, há indícios de que o falante lança mão dessa expressão para marcar estilo de fala prestigiado, uma vez que a estrutura sintática predicativa está em desconformidade com os padrões normativos da língua.

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/Lula/videos/3087959171514509>. Acesso em: 1º fev. 2023.

Nesse estágio, ainda é difícil reconhecer que estejamos diante de um novo uso dessa construção no PB, uma vez que a informação predicativa mantém *link* remisso com a *razão pela qual* (o sujeito) se dispõe a ser *pré-candidato à presidência*. O *link* é o mesmo em relação aos contextos sintáticos em que esse índice não aparece encabeçando os enunciados. De todo modo, o descompasso entre padrão (prestigiado) e não-padrão (não-canônico) suscita a hipótese, nesse contexto, de que a expressão *razão pela qual* exerce papel de índice remissivo, proporcionando efeito discursivo elegante e monitorado à fala.

Assim, é de se supor que tal função discursivo-pragmática consiste em pista importante de que a expressão esteja em processo de mudança construcional. Se assim confirmado, ficará restrito a apenas aos aspectos semânticos da expressão e, menos provavelmente, afetará a forma, pois a estrutura sintática em si (a forma) é que responde pelo efeito prestigiado.

Retomemos os fatores que impactam a mudança construcional em Traugott e Trousdale (2013) e, a partir daí, analisemos o possível estágio de mudança de *a razão pela qual*:

x) composicionalidade: corresponde à transparência entre forma e função de uma construção a partir dos elementos que a compõem.

Observa-se que houve a migração da expressão para o *locus* inicial de enunciados e a permanência de sua função primeira de índice remisso, que sofreu alternância de um direcionamento anafórico para catafórico. Verifica-se, então, que a expressão, mesmo sendo fixa, mantém estrutura relativa em que *a razão* é retomada por *qual* em um constituinte preposicionado. Essa operação sintática se faz necessária para que *razão* configure como índice remisso a ser preenchido por uma informação já introduzida no processamento textual, ou ainda a ser mencionada, quando a expressão inicia a estrutura sintática. Dessa forma, o grau de composicionalidade da expressão permanece bastante alto, pois apenas as direções remissivas sofreram alternâncias.

y) produtividade: corresponde à frequência com que uma dada construção ocorre de forma a impulsionar ou não o surgimento de novas formas.

Com base na *database* utilizada nesta fase da pesquisa, observou-se que as construções canônicas são as mais frequentes, haja vista que a expressão em contexto catalizador de efeito prestigiado mostra-se em estágio inicial no PB. O aumento da frequência, nesse contexto, terá

impacto decisivo na hipótese aqui levantada, pois, se o falante conscientemente se utiliza de uma expressão para ‘turbinar’ o grau de formalidade discursiva de seu dizer, essa nova função poderá acarretar um descarrilhamento da estrutura sintática não-canônica, com perda substancial do processo remissivo catafórico. Cabe a ressalva de que a amostra utilizada nesta etapa do estudo é ainda limitada para capturar esse estágio.

z) *esquematicidade*: é uma propriedade de categorização que envolve abstração. Trata-se dos diferentes níveis de estruturação (abstração e generalização) a que está sujeita uma forma em processo de construcionalização.

A face esquemática da expressão mostra-se ausente de níveis hierárquicos. É um processo em estágio inicial em que se verificam apenas indícios de fases de construcionalização. Parece ser esse o motivo pelo qual a esquematicidade é notoriamente baixa: o fenômeno situa-se em nível de construto.

É difícil prever o alcance esquemático da expressão, uma vez que ela afeta diretamente a forma. Considerando que comutativamente as expressões *razão pela qual*, *motivo pelo qual*, *razão por que* e *motivo por que* são intercambiáveis e, portanto, variantes, *razão pela qual*, por ter frequência mais robusta no conjunto de dados, apresenta-se como a preferida pelo falante no início dos enunciados. Esquematicamente, percebe-se que a estrutura apresenta saliência discursiva (efeito estilístico monitorado) em enunciados com ruptura do padrão sintático canônico, ou seja, com a presença de conjunções subordinativas introduzindo a informação predicativa. *Razão pela qual* é frequentemente empregada em enunciados cópula com *é que/ é porque* e, por constituir variante das outras expressões mencionadas, pode também aparecer em construções cópula com a subordinativa de definição *ser quando*. Sendo assim, por ora, pode-se registrar um padrão sintático de uso dessa expressão encabeçando enunciados com efeito estilístico de prestígio, como segue:

[Razão pela qual CONSEQUÊNCIA *SER RAZÃO*_(subordinada causal, definição)]

É importante registrar que, ao migrar para o início do enunciado, há uma alternância na relação causa-consequência. Em outros contextos sintáticos, a razão é a informação velha, já introduzida no universo contextual. Trata-se de uma unidade informacional que o falante

encapsula como causa para que uma consequência (informação nova) seja apresentada, como em (c) repetida a seguir:

- C) v) em sua presença, discutiam questões de raça e de sangue; **a razão pela qual** D. Amância lhe oferecera um espelho. (Corpus do Português: 18:Azevedo:Mulato).

Em (c), a *razão pela qual* é índice remissivo para uma informação anafórica, tendo em vista que a discussão sobre raça e sangue é a que constitui motivo para a performance de D. Amância. Nesse sentido, cabe questionar que razões sociais poderiam ter impulsionado a alternância de *causa-consequência* para *consequência-causa*, quando a expressão inicia enunciados. Eis uma pergunta dentre as muitas suscitadas pelo presente estudo.

Considerações finais

Neste artigo, foram feitos os primeiros levantamentos das variantes de *razão pela qual*, comparando-se os empregos em estágios antigos do Português com os usos mais inovadores, como o exemplificado em (2). Destacou-se que os índices dos *types* e *tokens* das variantes em análise revelaram a introdução de função discursiva prestigiada de *razão pela qual* no PB, ainda que incipiente, mas com clara função estilístico-discursiva.

A análise elaborada neste texto buscou investigar o *status* construcional de *a razão pela qual* não-padrão no início de sentenças bem como as motivações de ordem funcional para a sua emergência. A produtividade baixa em contraste com a composicionalidade alta, ainda em estágio esquemático de construto, freiam a certeza de que estejamos diante de processamento linguístico já fixado no PB composto de uma função inovadora dessa construção. Outrossim, não se pode descartar a suspeita de que as estruturas com *razão pela qual* em início de enunciados não-canônicos repercute fortemente na percepção do interlocutor mais atento. Vale notar que, do ponto de vista do fluxo informacional, a consequência passa a ser informação velha, o que gera efeito inusitado.

A alternância causa-consequência para consequência-causa, ao lado do emprego inovador da construção em início de sentença, desperta curiosidade sobre a motivação social que impulsiona a escolha do falante. Em início de sentença, o índice remissivo *razão pela qual*

força o preenchimento desse índice no contexto catafórico, obrigatoriamente após a unidade informacional que constitui a consequência. Em outro contexto sintático, o movimento é necessariamente anafórico. Tal movimento revela que, para operar com efeito discursivo de prestígio, o falante introduz a *consequência* como informação velha, desviando o foco do enunciado para a *razão/motivo* que constitui a unidade informacional a preencher o índice remissivo. Com efeito, novos dados, em especial os que afetam diretamente o processo remissivo da construção em foco com *razão pela qual*, poderão confirmar pressões de uso da língua que impulsionam o emprego da inovação enquanto expressão formulaica e marcador sentencial.

Referências

- BATISTA, H. R. As construções [que x o que] e [que x que nada] no português brasileiro. *SciELO Preprints*, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-460x202256384>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BELL, A. Language style as audience design. *Language in society*, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 145-204, 1984.
- BOLINGER, D. Entailment and the meaning of structures. *Glossa*, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 119-27, 1968.
- BORTONE, M. E. Análise da produção textual de alunos do ensino fundamental do Distrito Federal. In: BORTONI-RICARDO, S. M. (org.). *Falar Candango*. São Paulo: UnB, 2009. p. 7-51.
- BORTONE, M. E. O fenômeno da Hipercorreção. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 5, n. 1 e 2, p. 89-105, 1989.
- CALVET, L.-J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CÂMARA JR., J. M. Erros de escolares como sintoma de tendências linguísticas no português do Rio de Janeiro. In: CÂMARA JR., J. M. (ed.). *Dispersos*. Rio de Janeiro: FGV, 1972. p. 31-35.
- CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- CHAFE, W. L. *What good is punctuation?* Berkeley: University of California, 1987.

CHAFE, W. L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: CHAFE, W. L. *The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980. p. 9-50.

CRYSTAL, D. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Tradução e adaptação: Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DAVIES, M. *Corpus do Português*. Seção: genre/historical. [S. l.], 2006. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>. Acesso em: 1º de fevereiro de 2023.

ECKERT, P. *Elephants in the room*. Journal of Sociolinguistics, v.7, n.3, p.392-97, 2003.

ECKERT, P. Style and social meaning. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*. New York: Cambridge University Press, 2001. p. 119-126.

ECKERT, P.; RICKFORD, J. Variation, convention, and social meaning. In: ANNUAL MEETING OF THE LINGUISTIC SOCIETY OF AMERICA, 1., 2005, Oakland. *Proceedings* [...]. Oakland: [s. n.], 2005. p. 1-33.

GIVÓN, T. Function, structure, and language acquisition. In: SLOBIN, D. I. (ed.). *The Crosslinguistic Study of Language Acquisition*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1985. p. 1005-1028. v. 2.

GÓES MONTEIRO, M. C. G. de. *Variação em definições: as construções [SNser SN] e [SN ser quando 0]*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HOUAISS, A. (ed.). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. [S. l.]: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM. Versão 1.0.

LABOV, W. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Cambridge: Cambridge University Press, 1966.

LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LINGUATECA. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=TODO>. Acesso em: 19 fev. 2023.

MICHAELIS: modern dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MOLLICA, M. C. *(De) que falamos?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

MOLLICA, M. C. **Queísmo e Dequeísmo no Português do Brasil**. Tese de Doutorado em Linguística, PPGLING-UFRJ, 1989.

MOLLICA, M. C.; BATISTA, H. R.; QUADRIO, A. *Contínuo fala-escrita na escola*. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2022.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

RAMONDA, K. Goldberg's Construction Grammar. In: LITTLEMORE, J.; TAYLOR, J. R. (ed.). *The Bloomsbury Companion to Cognitive Linguistics*. Bloomsbury Publishing, 2014. p. 60-71.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Construcionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Prolegomena on the brazilian portuguese expression *razão pela qual*

Abstract: The article aims to present preliminary reflections on the use of the brazilian Portuguese expression 'razão pela qual' (reason why) in the current stage of Brazilian Portuguese (BP). We argue that the expression constitutes an innovative use in BP in the initial syntactic locus. The research proceeded with the analysis of data from two corpora: Linguateca and Corpus do Português. The study also compared the expression with its variants 'motivo pelo qual', 'razão por que', 'motivo por que' (reason why) in order to point out indications that the expression has been crystallizing in BP as an allegedly monitored style marker. The results indicate that the expression 'a razão pela qual' has innovative function in BP and has a more marked status in relation to its variants. Furthermore, the innovative character of the construction operates alternations in the cause-consequence relationship of the syntactic structures of which it is a part. Indeed, new data, especially those that directly affect the cross-reference process of the construction in focus 'razão pela qual', may confirm language use pressures that drive the use of the innovation as a formulaic expression and sentential marker.

Keywords: Constructional Change; Style; *Corpus*; Innovation.

Recebido em: 24 de fevereiro de 2023.

Aceito em: 31 de março de 2023.